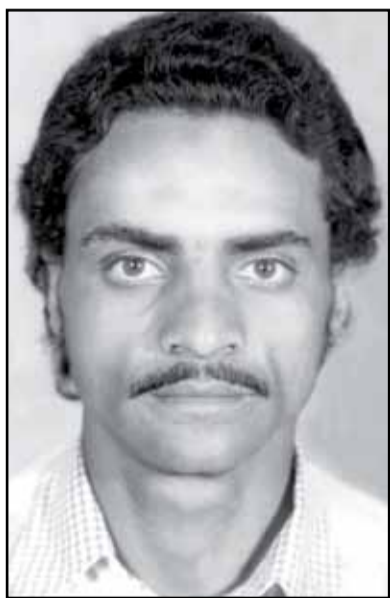
Informativo Oficial do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção de BH, Sabará, Lagoa Santa, Ribeirão das Neves, Sete Lagoas, Nova Lima, Rio Acima e Raposos
Tel: (31) 3449.6100 - Rua Além Paraíba, 425 Lagoinha - BH - Sub-sede Barreiro: Av. Olinto Meireles, 288 - Barreiro - Tel: 3384.5552 - BH - www.sticbh.org.br
Edição Especial em comemoração dos 30 anos da greve de 1979 - Julho de 2009

30 anos da Combativa Greve dos operários da construção

Viva a grandiosa GREVE de 1979

Entre os dias 30 de julho e 3 de agosto de 1979, Belo Horizonte parou! Mais de 30 mil operários da construção civil saíram às ruas para protestar por melhores salários, desafiando as forças do regime militar que gerenciavam o Brasil à época.

Orocílo Martins Gonçalves, mártir do povo

No primeiro dia da greve, a polícia militar do estado de Minas Gerais disparou contra os grevistas e acertou um tiro no peito do companheiro Orocílio Martins Gonçalves. O objetivo de tal crime era a intimidação: pensavam que assassinando um trabalhador o movimento rapidamente perderia força. Mas o que se viu foi a explosão da revolta dos operários.

Participe do ato de celebração da combativa GREVE de 1979

O Sindicato Marreta, a Liga Operária e a Escola Popular Orocílio Martins Gonçalves realizarão o ato de celebração dos 30 anos da vigorosa luta dos operários da construção. O ato será feito na sede da Escola Popular, às 18:30 horas - Rua Ouro Preto, 294, 2º andar, Barro Preto.

Também haverá uma exposição de fotos da greve. A Escola Popular teve acesso a um acervo de 170 fotos do movimento grevista.

Dia 30 de julho - 18:30 horas
Local: Auditório da Escola Popular
Rua Ouro Preto, 294, 2º andar, Barro Preto

Viva a histórica Rebelião dos operários contra o arrocho, a fome e a miséria!

30 anos da Greve: rebeldia nas ruas

Os operários em greve exigiam as seguintes propostas: salários de CR$ 5.000,00 para serventes, CR$ 8.000,00 para oficiais, CR$ 12.000,00 para encarregados e CR$ 20.000,00 para mestres-de-obras. Além disso, reivindicavam a correta anotação das carteiras de trabalho e a proibição de achatamento salarial quando da troca de emprego; aviso prévio de 30 dias, independentemente da forma de pagamento – semanal, quinzenal ou mensal.

A resposta da patronal e do governo para a justa reivindicação salarial dos operários foi a feroz repressão policial. No primeiro dia de greve, a PM tentou cercar a concentração dos manifestantes na Praça da Estação mas os operários romperam o cerco e rodearam as tropas. Um táxi tentou forçar caminho sobre a multidão; a massa se revoltou e virou o carro que foi incendiado no entorno da praça.

Então, os operários deslocaram-se em uma grande passeata da Praça da Estação até a frente do antigo Campo do Atlético, na avenida Olegário Maciel. Dos prédios caiam papel picado saudando a luta operária. A cidade foi completamente tomada pelos pedreiros, serventes, armadores, carpinteiros, e demais operários dos canteiros de obras. Poucas vezes se viu na cidade um movimento de tamanha proporção.

Governo e patrões atacaram a justa revolta dos operários

A Polícia Militar assassina investiu contra os manifestantes com cavalos, espadadas, porretes, bombas de gás e tiros. Dezenas de pessoas ficaram feridas e o companheiro Orocílio Martins Gonçalves, tratorista de 24 anos, caiu assassinado de forma covarde com um tiro no peito. Revoltados, os trabalhadores ocuparam quase todo o centro da capital mineira com pedaços de pau, ferro e pedra. Essa revolta ficou conhecida como "A Rebelião dos Pedreiros".

O presidente do sindicato à época era Francisco Pizarro Neto, um interventor indicado pelos militares para controlar o movimento sindical. Durante todo o movimento dos operários, ele tentou à todo custo esfriar os ânimos dos grevistas.

Os operários ocuparam a Praça da Estação com faixas e cartazes contra a fome e a polícia assassina

Porém, não conseguiu conter a fúria dos trabalhadores e na assembléia que encerrou a greve levou uma pedrada bem na testa.

Pelego Lula traiu a greve junto com Pizarro

Além de Pizarro, outra figura sinistra tentou barrar a luta dos trabalhadores: Luis Inácio Lula da Silva. Ele foi articulado por João Paulo Pires, do Sindicato dos Metalúrgicos, e Dídimo de Paiva, do Sindicato dos Jornalistas, para intervir na direção da greve e durante toda sua permanência na cidade ficou pedindo 'calma' aos operários e prometendo sentar para negociar o fim da greve com os donos das construtoras. Podemos ver que desde essa época que o atual gerente do Brasil já mostrava sua vocação para pelego conciliador. Em 1979 estava em plena articulação o processo de criação do PT, que ocorreu em fevereiro do ano seguinte. O projeto eleitoreiro de Lula e do PT foi feito às custas do sangue operário e já era, há 30 anos atrás, um projeto contra os trabalhadores e à serviço da burguesia e do imperialismo.

Tropas da polícia militar, acionadas pelos patrões e o governo para reprimir a greve, assassinaram o companheiro Orocílio, feriram e prenderam vários outros trabalhadores

: Combatividade e de Belo Horizonte

Operários respondem com paus e pedras a violência da polícia, dos patrões e do governo

A greve mostrou o poder dos operários

No decorrer dos cinco dias de greve, as obras seguiram paralisadas por toda a cidade. Os trabalhadores estavam dispostos a ir até o fim. Apareceram outras entidades e categorias para apoiar o movimento como professores, estudantes, etc. Surgiram faixas com os dizeres: "QUEREMOS SALÁRIO PARA ACABAR COM A FOME" e palavras de ordem como "NÓS CONSTROI, NÓS DISTROI!". As imagens da época mostram os grevistas marchando firmes pelas ruas da capital mineira, sorrindo, acenando, gesticulando: era o sentimento de poder em suas mãos, a certeza de que os trabalhadores organizados e unidos podiam conquistar o que quisessem.

Os monopólios dos meios de comunicação à serviço dos patrões tentou a todo custo jogar a população da cidade contra o movimento dos pedreiros. O jornal Estado de Minas estampava em suas primeiras páginas manchetes que visavam amedrontar o povo belorizontino. A rádio Itatiaia fazia anúncios atemorizando as pessoas e sugeria que não se dirigissem ao centro da cidade. No entanto, um grande número de pessoas que não eram da construção acompanhavam de perto o turbilhão de operários gritando, acenando e dando seu apoio. Setores da extrema-direita infiltraram-se na greve distribuindo bebidas alcoolicas com o objetivo de desorganizar o movimento.

Certo é que a revolta de 1979 amedrontou os patrões, os donos de construtoras, os políticos, os apoiadores da ditadura e os oportunistas incrustados no movimento sindical. Foi uma grande demonstração de poder dos trabalhadores, rebelando-se tanto contra a miséria quanto contra a direção oportunista do sindicato de então. A greve de 1979, a *Rebelião dos Pedreiros* de Belo Horizonte, deve ser lembrada como uma das páginas mais importantes da luta operária de nossa cidade e, por esse motivo, jamais será esquecida pela classe operária que ainda hoje segue sua árdua luta por uma vida decente e digna.

Participação massiva dos operários lotavam as assembléias realizadas no ex-campo do Atlético

1979 foi o ano das Greves

Em 1979, grandes greves, como a da Mannesman, da Fiat, da construção Civil, dos professores e rodoviários foram lutas combativas que passaram por cima das direções sindicais pelegos. Delas surgiram muitos ativistas que ao longo de 30 anos em meio de duras lutas, com conquistas e derrotas, construíram a linha classista combativa. Estas lutas assentaram os pilares para a construção de um novo movimento sindical na capital mineira e deram origem a Liga Operária em 1995.

Após a greve, os operários da construção civil se organizaram na Marreta – base da Liga Operária e após outras muitas lutas, tomaram a direção de seu sindicato de forma classista e combativa. Ao longo dos anos essa direção organizou importantes lutas, mobilizando milhares de trabalhadores.

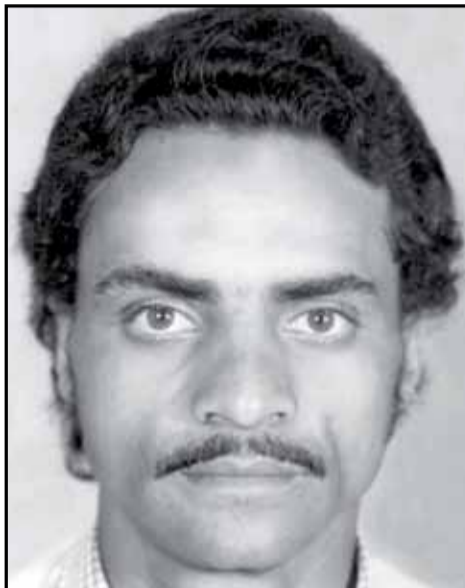
O governo FMI/Lula representando a maior traição dos trabalhadores tem desferido duros ataques aos direitos por meio de suas 'reformas'. Com a ação do governo Lula reforça ainda mais o novo peleguismo com a das centrais sindicais e da maioria dos sindicatos.

Os operários em geral, os camponeses, os estudantes, professores, etc., nos dias de hoje, retomam o caminho das lutas. Compreendem que cada vez mais a saída para suas mazelas e defesa de seus direitos é a luta combativa, que no caso da cidade se expressa em forma da greve.

Somente com uma GREVE GERAL, que possa unir todo povo brasileiro, a classe trabalhadora poderá impedir o prosseguimento das 'reformas' anti-povo e anti-operárias do governo FMI/Lula.

OROCÍLIO MARTINS GONÇALVES, mártir do povo brasileiro

Dia 30 de julho de 1979, primeiro dia da greve, a polícia militar do estado de Minas Gerais disparou contra os grevistas e acertou um tiro no peito do companheiro Orocílio Martins Gonçalves. O objetivo de tal ato era a intimidação: pensavam que assassinando um trabalhador o movimento rapidamente perderia força. Mas o que se viu foi justamente o inverso: aumentou a revolta dos operários que, a partir desse momento, partiram com toda ferocidade em direção às forças de repressão. Paus, pedras, barras de ferro, pás, enxadas, martelos..., tudo que se tinha à mão foi transformado em arma e em escudo. A cidade jamais vira tamanha fúria num movimento grevista. O grau da exploração dos trabalhadores da construção civil foi convertido, na mesma proporção, em rebelião. Confirmava-se mais uma vez a máxima de que 'o sangue não afoga a luta, ao contrário, a rega'.

Orocílio nasceu no ano de 1954. Portanto, no ano da greve, encontrava-se na flor da juventude de seus 24 anos. Ao contrário do que dizem algumas versões mentirosas, Orocílio era sim um trabalhador da construção civil, sua profissão era tratorista. Essas mesmas versões mentirosas dizem que quando foi assassinado, Orocílio não estava participando da greve, estaria apenas passando pelo local, já que havia ido ao centro para trocar uma roupa para seu filho. Tudo mentira! Orocílio estava participando ativamente do movimento de greve, acompanhando as assembleias e os protestos. No dia de sua morte ele não poderia estar trocando roupas de seu filho já que o comércio estava todo fechado e no local em que ele foi alvejado (Avenida Olegário Maciel, onde hoje é o shopping Diamond Mall) não havia nenhuma loja nas redondezas. Quem tenta dar status de verdade à essas invencionices são os mesmos que insistem em dizer que o regime militar brasileiro foi mais brando que em outros países, que a ditadura quase não matou ninguém. O crime de Orocílio foi crime político, deve ser colocado na conta do regime militar, do então governador de Minas Francelino Pereira e da polícia militar de Minas Gerais.

O companheiro Orocílio era um pai da família, deixou uma esposa viúva e um filho de apenas dois meses. Teve sua vida subtraída de forma brutal e covarde na mais tenra idade. Morreu lutando por salário decente, por justiça. A classe operária não esquece seus verdadeiros heróis, seus mártires. Orocílio Martins Gonçalves é hoje o nome de uma escola para operários da construção civil que estão se alfabetizando e aprimorando seus conhecimentos. Essa é uma forma de celebrarmos a cada dia do ano a memória desse bravo companheiro operário, mais um mártir do nosso povo.

Viva as lutas da classe operária!